

ATENÇÃO: ANFÍBIOS TRABALHANDO

Luiz Antonio de Assis Brasil*

Vamos esquecer aqueles veículos brutalhões, em geral militares, em geral camuflados, que se desempenham tanto na terra como na água. Esses anfíbios são quase sempre assassinos. Pensemos em algo mais doce, nos bichos que, de acordo com seus humores, vivem em vários ambientes. Apetece-lhes variar, tomar novos ares, conhecer novas paisagens. Podem, é certo, sofrer algum problema de identidade, mas quando estiverem em muita dúvida, “quem sou eu? onde estou?” basta dar um salto para a água – ou para a terra – e fica tudo resolvido. Até que venha nova crise.

Compartilhando com os anfíbios a mesma dualidade, há alguns indivíduos da espécie *homo sapiens*. São poetas, contistas, romancistas, cronistas, essa gente perdida e desvairada, que em certo momento da vida, por circunstâncias às vezes enigmáticas para si próprios, atraíram-se pela Universidade – e a Universidade os aceitou. Ou vice-versa, porque nesse ramo da biologia não se sabe o que veio antes, se o sapo ou o ovo.

Como sapo não reflete, ou reflete à maneira batráquia, o *homo sapiens* (ou a *mulier sapiens*) tem o dever de honrar o adjetivo que o qualifica, e como a ANPOLL é instituição respeitável, não é adequado estar aqui falando de sapos. O literariamente correto seria pensar em Dr. Jekyll & Mr. Hyde, em Poe, na esquizofrenia de Gérard de Nerval, nos heterônimos de Pessoa, no *mise en abîme* de Gide,

* Escritor e professor. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

em Todorov, no retrato de Dorian Gray, nas metáforas tipo dois-em-um, tudo enfim que lembre o tema do duplo e que tenha certa dignidade intelectual.

Mas crônica é crônica, e tudo se desculpa, inclusive as tautologias. Assim, assumo uma não-canônica primeira pessoa e vamos lá: reconheço minha condição anfíbia. Para dar nome aos bois: minha terra é a Universidade, e minha água é a minha literatura.

Como todo anfíbio, sei distinguir a água da terra, senão estaria morto. A terra me dá a segurança de que preciso quando as águas estão por demais poluídas pelos devaneios, pelos clichês, pelas rimas na prosa, pela inconsistência de personagens. São aqueles momentos em que eu nado, nado, nado, e não saio do lugar. Já a terra tem primores que mais prazer encontro eu nela. Cá, na terra, posso dizer a mim mesmo que meu cérebro serve para outras coisas além de sonhar besteiras. Cá, tenho colegas com quem posso conversar num plano, digamos, científico, enquanto lá as conversas degradingolam com facilidade para o nada e coisa nenhuma, sem falar na decadência dos bares e outros refúgios noturnos pouco salubres. Se cá pode haver invejas, lá acontecem ódios. Um artigo acadêmico, sob o ponto de vista dos efeitos, é menos perigoso do que um romance. Um artigo será contestado à moda civilizada, com argumentos, contra-argumentos, e só acontece no próximo número da revista, quando os ânimos já esfriaram. Um romance tem resposta imediata, que pode ir de uma ironia a um tiro de bazuca. Um passo em falso e lá vem uma crítica demolidora, que me afoga por um bom tempo. Sapos, tais como os gatos, têm sete vidas, e por isso sei levantar-me, sacudir a água e dar a volta por cima – mas para que isso aconteça, preciso correr para a terra. É duro ser Apolo e Baco ao mesmo tempo.

A vantagem de estar na água é que nela torna-se possível abusar sem remorsos do modo subjuntivo, dos verbos intransitivos e principalmente das orações coordenadas. A vantagem de estar a pé firme é que o sentido da sintaxe se aguça, e uma boa regra

sempre nos salva. Condenados à liberdade à Sartre, os escritores-universitários por vezes gritam *Meu reino por uma gramática!*, mas são respondidos por um silêncio devastador. E às vezes o que falta não é tanto a gramática, mas o talento mesmo.

Ser anfíbio é perdoar Camões pelo *al-mamínha*, pois a gente sabe que nem sempre a melhor expressão literária é a menos cacofônica; é compreender as torturas do Machado ao mudar de estética a meio-caminho da obra: aquilo que nos compêndios consta como um erudito registro, custou lágrimas de sangue e noites de insônia ao vizinho do Cosme Velho; ser anfíbio é estar simultaneamente nos dois lados do balcão, envolvido num jogo em que vendemos caro o barato – e achar que deve ser assim mesmo; ser anfíbio é escrever um parágrafo acadêmico sabendo que aquilo poderia ser dito de outra forma, bem menos precisa e mais confusa, mas talvez mais sonora.

Contudo, não me queixo dessa minha condição: assim ocupo-me com mais um problema. Escritores adoram tensões.

É verdade que fica sempre um mal-estar, lá no fundo, algo quase imperceptível, de que se está fraudando alguma coisa, não se sabe bem o quê.

Mas nada que a escrita de um *paper* ou um capítulo de romance não resolvam.